

TRÊS EDITORIAIS DE ANTONIO MIRANDA

Antônio Miranda

1 - POESIA NA WEB: QUO VADIS

I

As celebridades do futuro, de onde virão? Sobreviverão os heróis e as divas?

O famoso artista plástico Andy Warhol, preocupado com a transitoriedade das vanguardas do século 20 afirmou que, no futuro, teríamos apenas quinze minutos de glória. Queria significar que a mídia glorifica novos heróis e fabrica celebridades com o estardalhaço dos fogos de artifício, de efeito instantâneo. Descartável.

Vamos fazer outra questão, para a qual não temos uma resposta cabal: a Internet estaria criando heróis e celebridades com a mesma notoriedade que, em seus momentos, o cine, o rádio, a tv estabeleceram? Este é o assunto de um ensaio que estamos escrevendo e aqui apenas iniciamos a discussão.

Salvador Dalí, no período entre as guerras mundiais, valeu-se do exibicionismo para ganhar notoriedade e virou cult, algo kitsch. O grupo Secos e Molhados, com Ney Matogrosso, também soube explorar esta veia sensacionalista, mas com verve e criatividade – inspiraram o visual da banda KISS, mera caricatura...

A TV mudou o paradigma da celebridade, instalando os astros e estrelas diante do sofá de nossas casas, criando uma intimidade invasiva, promíscua, contagiante entre ficção e realidade. O rádio já iniciara a invasão de nossa intimidade, com a voz do artista.

Agora é a vez da Internet e, com ela, deve vir a tevê digital pela web, de forma interativa. Os pop ups e os spans invadem nossos computadores e até chegam pelos celulares. Vlogs disseminam conteúdos criados pelo público, competindo com as grandes produtoras, que estão ávidas por encontrar criadores para acompanhar as novas tendências e fazer bons negócios.

E a poesia vai invadir nossa praia? Ela está nos teatros desde os gregos, passando pela ópera e agora está na Internet em imagens, recitativos e animações, sem falar no espaço rentável das composições musicais mais populares. Páginas pessoais, blogs, e-books, portais e revistas eletrônicas publicam poesia à mão cheia, em todos os níveis e para todos os públicos, dos românticos aos escatológicos. Sem exagero, pode-se afirmar que hoje se publica mais poemas na web do que nas gráficas convencionais. Poemas ilustrados, fonados, em vídeos. Alguns sites têm mais frequentadores do que leitores de livros. Os *downloads* superam os exemplares

tipográficos. A *Usina de Letras* (www.usinadeletras.com.br), já tem 101.696 poemas (em 10 de fevereiro de 2007) e cresce o tempo todo. Não me venham com esta de quantidade x qualidade... Quem garante que os livros abrigam apenas poemas de qualidade?!

As pessoas lêem e repassam para os amigos e alguns poetas ganham celebridade sem jamais terem visto seus versos estampados em revistas e livros impressos. Alguns até conseguem vender exemplares de suas obras impressas, pela Internet, ou mesmo nas livrarias, ao serem reconhecidos pelos internautas.

As editoras não querem saber de poetas inéditos... Evitam os poetas novos. A saída é o *blog*, as páginas de poesia (quando estão abertas aos autores desconhecidos). Um livro impresso chega a poucos leitores, um *blog* pode chegar a milhares em potencial (na prática são raros os autores que conseguem um público fora do círculo de amigos e mais difícil é fidelizá-los...)

Há quatro ou cinco anos atrás, ter uma página pessoal de poesia era um distintivo, hoje é lugar-comum.

O lado mais interessante deste fenômeno está na instantaneidade da edição, em poder ir a público de imediato e, em seguida, receber comentários, sugestões, críticas. Em certa ocasião —citando um exemplo pessoal—, publiquei um poema ao meio-dia e, durante a tarde, já estava recebendo umas poucas mensagens, uma delas vinda da Inglaterra, sugerindo a modificação de um verso. O poema efetivamente melhorou com a “parceria” inusitada. Milagre da ubiquidade da edição eletrônica.

E o futuro? Pois é... As edições de livros eram caras e demoravam a chegar ao público, valendo-se de um distribuição tortuosa (os livreiros não andam assim tão interessados em livros de poesia...), acabam nas estantes dos leitores, das bibliotecas e dos sebos, à mercê da sorte ou da fatalidade.

Não se sabe o destino dos arquivos digitais, por quanto tempo estarão acessíveis, considerando a transitoriedade das tecnologias. É possível que migrem de umas mídias para outras, como aconteceu com os acetatos, long-playings, cds, até chegarmos ao mp3...Muito se salvou graças aos arquivos, bibliotecas e aos colecionadores. Quem está guardando os acervos virtuais? O Google, o Gmail? Quem guarda tudo, em tese, não guarda coisa alguma... Preservação é um processo mais complexo, como sabem muito bem os bibliófilos, os cinéfilos, os numismatas, os bibliotecários, os livreiros especializados.

II - TRÊS ANOS DE NOSSA PÁGINA NA WEB

Pode parecer estranho, à primeira vista que nossa página — *www.antoniomiranda.com.br* —, desenvolva um portal de poesia. Mas não é exceção, mais vale afirmar que está isto está virando regra. Os blogueiros de poesia cada vez mais se dedicam a publicar os poemas alheios em vez dos próprios. Nosso amigo Carlos Machado, que é poeta, só publica os poemas dos autores de sua admiração e predileção. Ele é exceção, o comum é que o poeta divida espaço com amigos e com os poetas de seu relicário.

Em verdade, o propósito original nosso era apenas disponibilizar nossos textos para alunos e amigos. Como um blog, palavra que não era ainda tão difundida no início de 2004. Mas logo surgiu a idéia de homenagear poetas já falecidos (seção Poesia Brasil Sempre) e os contemporâneos de nossas relações, nas seções Poesia dos Brasis e Poesia Ibero-americana. Muito informal, sem planejamento. Começaram a chegar textos digitais e livros enviados pelos leitores, a maioria de pessoas de vários países com os quais só mantínhamos relações pela Internet, que nos descobriram e entraram em contato a partir da criação da página.

Reformulamos todo o visual da página para acomodar as novas seções e acatar as sugestões, constituindo e ampliando um enorme depositário que já passa dos 500 autores, em permanente expansão. Passamos a contar com colaboradores para as traduções e tornou-se imperativo contratar novos planos para a hospedagem do sítio por causa do volume de páginas novas, das buscas e downloads.

Quo vadis?

Apesar das pressões e das tentações para abrigar todo tipo de literatura em geral —contos, ensaios – em formatos diversos — poemas fonados, vídeos, etc. —, definimos a idéia de uma página devotada exclusivamente à POESIA IBERO-AMERICANA EM FORMATO BILINGUE (PORTUGUÊS-ESPANHOL). Um foco, uma direção, uma grife, um distintivo, uma política, chamemos isso como quisermos. Mas mantendo as seções paralelas com os nossos textos e outras mídias com nossa obra acadêmica e literária.

Deveríamos separar as duas partes – a pessoal da antológica -, transformar o Portal de Poesia Ibero-americano em um sítio independente. Institucionalizar. Poderia vir a ser administrado como uma ONG, retirando nossos nome do alto do template, constituindo uma comissão editorial, o ISSN.

A institucionalização — que será imperativo, tudo indica — requeriria um corpo mais estável de colaboradores, uma equipe de plantão, entre voluntários e

contratados, dispostos a compartilhar as responsabilidades, atividades e custos. Haveríamos de buscar subsídios e financiamentos. Não é questão só de tratar dos conteúdos mas de buscar a sustentabilidade do projeto, e sua conseqüente gestão e planejamento contínuo.

Estamos completando, neste mês de fevereiro, três anos de existência. Um percurso errático, mas estimulante. De um hobby, ou um instrumento didático, partimos para um empreendimento que já exige mais que um tempo livre, mas horas e horas de dedicação extrema. O espaço que estamos conquistando é excepcional e exponencial, pelas relações que se consolidam no sentido das redes sociais que os cenários virtuais possibilitam. Tudo vale a pena quando a alma não é pequena, e ela se expande por contágio, inter-relação, compartilhamento, troca de experiência, aprendizado permanente. No sentido do conhecimento coletivo, da construção solidária de uma sociedade aberta como preconizou, em seu tempo, Ioneji Massuda.

Queremos ouvir opiniões, críticas, idéias, sugestões.

Brasília, fevereiro de 2007

2 - O MODERNISMO É TÃO ANTIGO

Posturas e imposturas. A arte do século XX foi devotada à renovação constante, à contestação e à constatação de ismos, movimentos centrados em manifestos, rupturas, avanços e retrocessos. Podemos exemplificar com o futurismo e seu culto à ciência e ao “progresso” tecnológico, passando pelo automatismo do surrealismo, culminando com o cubismo e uma transição clara entre o figurativismo e o geometrismo que pautou todas as vertentes do experimentalismo como primado da arte.

É óbvio que a arte dita moderna começou mesmo foi no final do século XIX, com a deformação da figura, com a quebra dos cânones do classicismo, nas raízes do abstracionismo. É lógico que essa concepção tem origens no passado e representou uma nova globalização, com a descoberta da expressão africana das máscaras, da paisagem na pintura e no ideograma oriental, e até nos confins da Polinésia com rituais e estilizações das imagens. O quadro vence os limites da tela, o poema acaba com o espaço em branco da folha de papel, a música supera a harmonia e até os instrumentos convencionais, a novela acaba com o naturalismo e rompe com a

gramática e o cinema registra novas formas de expressão. Nada mais antigo do que o modernismo.

Faço estas constatações ao visitar o Museu Nacional Centro de Arte Reina Sofia, em Madri. Não estava lá o Mondrian, mas o Ferdinand Léger ostentando traços e manchas depuradas, Juan Gris desfigurando e fragmentando a imagem, Picasso deformando o rosto humano para revelar seu interior. Havia ali também um retrato cubista do Tristan Tzara com seu olhar oblíquo. Mas o que mais me impressionou foi a mostra — fantástica! — do cinetismo, da op art, movimento artístico que eu vi nascer e fenececer. Bobagem: não nasceu nem morreu, surgiu e desvaneceu em meio a outras manifestações conseqüentes. O cinetismo é o geometrismo em ação ou simulação, a transfiguração pelo movimento (mecânico) ou pelo *desplazamiento* do espectador em sua relação com a obra. Move-se a peça ou o público. Ilusão ótica, antecipação da holografia (embora esta já existisse) e da virtualidade. Efeitos visuais pré-psicodélicos, o rompimento com o plano, com a superfície, a reverberação e multiplicação das linhas e texturas. Fim da pintura para uns, uso de materiais nobres como a madeira e o metal (numa metamorfose entre pintura e escultura), instalações cromáticas, sensorialismo. Le Parc e Vassarelli com seus círculos e linhas interrompidas. Peças mecânicas impondo movimentos às partes e a penetrabilidade das esculturas de plástico ou alumínio de Jesus Soto. Por certo, a Venezuela se impõe, além de Soto, com os painéis longitudinais do Cruz-Diez e suas superfícies coloridas, e com as esculturas eólicas de Alejandro Otero (estas não estavam, infelizmente, presentes no Museu de Madri e, segundo se vê na Internet, atualmente estão em estado de risco nos espaços públicos de Caracas, sujeitas à intempérie e ao vandalismo, sem a atenção adequada para sua preservação).

Convivi com Alejandro Otero, com quem mantive diálogo “construtivista” sobre sua arte e sobre a arte contemporânea, no período que vivi na Venezuela, Foi uma convivência das mais pedagógicas e ilustrativas sobre a criação cinética daqueles tempos. A arte agora descambou para o conceitual e o virtual, desmaterilizou-se ou assumiu formas efêmeras, instantâneas, invadiu o espaço urbano e o ciberespaço, e assumiu maneiras coletivas e interativas. Mas o cubismo, cinetismo estão por aí sendo recriados, em intervenções urbanas, na internet, e até nas galerias de arte. Uma aventura fascinante de representação e em conteúdos com formas renovadas, no agora instituído hiperrealismo. Impossível não enxergar nestas “obras” os elementos constitutivos do futurismo, do construtivismo, do surrealismo, da *optic art*, do cinetismo, da arte pop, do minimalismo, numa hibridização sem limites, nos limites do

“pensamento complexo”, de obra aberta, da arte cibernética, do experimentalismo inesgotável.

(Madri, Espanha, 15 abril 2007)

3 - LETRA DE MÚSICA É POESIA?¹

Li por aí alguém afirmando que Chico Buarque não é poeta, é letrista. Em sentido contrário, Paulo Henriques Britto (em *Azougue 10 anos*, 2004, p. 263, em entrevista a Sergio Cohn), afirma: “As letras de Caetano Veloso, Chico Buarque, Torquato Neto e tantos outros empolgavam-me por ser poesia e falar das coisas e do tempo em que vivia, no tom exato, com as palavras do meu dia-a-dia, tal como os modernistas haviam falado do mundo deles com um vocabulário e uma sintaxe que antes não eram considerados apropriados à poesia. Estes artistas populares significam a minha fala e as minhas vivências.” É bom frisar que Paulo Henriques, além de poeta, é linguísta por formação acadêmica.

Os letristas seriam poetas “menores”, as letras constituiriam uma sub-literatura, mal comparando a arte com o artesanato?

Sei não. Ouvindo rádio e assistindo televisão, escutando tantas banalidades... Raps e pagodões maçantes, sertanejos acaramelados, axé baiano e reggae maranhense insossos, rock caseiro e hip-hops repetitivos, dá para entender o preconceito em relação às letras de músicas como poesias. Mas, por exceção, deve haver axé, reggae, pagode e sertanejo de qualidade.

Noel Rosa foi ou não foi o poeta da Vila? E que dizer do Cartola? Podemos considerar poeta um Catulo da Paixão Cearense (que era maranhense)? Eram sim, foram, são poetas e pronto. Caetano é um poeta!

Caberia, no entanto, em contrapartida, também afirmar que nem todas as letras de Caetano e de Chico podem ser consideradas poesia, mas apenas “letras” de música?

Alguém saiu com essa e eu não tinha uma resposta pronta, e deixo aos leitores o direito de resposta, como ao amigo o direito da dúvida. Na mesma linha de raciocínio, também seria possível afirmar que nem todos os poemas de Drummond ou de Bandeira são, em verdade, poesia. Seria admissível afirmar que alguns poemas de Fernando Pessoa seriam “menores”? Também vou escapar pela tangente...

Só queria discutir um ponto: a relação entre poesia e música no ato criativo. Há músico que faz a melodia e depois o poeta “coloca” a letra. Vinicius de Moraes teria

¹ Publicado originalmente em CRONÓPIOS: <http://www.cronopios.com.br/site/artigos.asp?id=2667>

feito isso com Tom Jobim, com Baden Powell e até com compositores clássicos. Pode ou não pode?

Em sentido contrário, o músico “musicaliza” o poema como fez Joan Manuel Serrat com os versos esplêndidos de Antonio Machado e o nosso Fagner fez com um texto de Cecília Meireles.

Tem muito a ver com o tipo de composição. Alguns músicos pautam melodias em quadraturas fixas, bitoladas, como o bolero ou o samba, levando-os á intervenção nas letras para ajustá-las, seja podando-as ou ampliando os versos. Também alguns poetas se enquadram nos compassos e ritmos assinalados. Mas alguns compositores, como Arrigo Barnabé e Tom Zé, criam livremente, sem conformar-se a ritmos da moda.

Aonde quero chegar? A lugar algum, a nenhum lugar...

Estamos falando de desafios. Vence quem tem talento, banaliza quem imita e não tem o que dizer. O que devemos julgar – se cabe algum juízo sobre a questão – é a coisa em si, o poema mesmo. Letra de música pode ser e não ser poesia.

“Luar do Sertão” é poesia com ou sem música. Tive a certeza disso, de forma empírica, quando uma amiga estrangeira, especialista em literatura, ficou impressionada com o poema, apesar de singelo. Hoje estudamos os textos de Catulo da Paixão Cearense e de Noel Rosa na academia como autênticos poemas, sem preconceitos, em dissertações e teses doutorais. Melhor ainda quando o estudioso busca a relação entre a música e o poema pois, sem dúvida, deve haver uma complementaridade (ou ampliação de sentido) entre ambos no ato da criação. A poesia, desde suas origens, sempre esteve ligada ao teatro, à música e a outras manifestações culturais.

O que dizer da inteligibilidade e da legibilidade da música e da poesia? O “intérprete” da música (pensemos em Maria Bethânia) costuma esforçar-se para que o ouvinte entenda o sentido (ou o “sentimento”) da letra da música. Pode até cantar à capela, só com a música das palavras no embalo da melodia, sem qualquer acompanhamento instrumental. O cantautor costuma valorizar sobremaneira a mensagem de suas composições tanto quanto o declamador ou o performer em um sarau ou poema-show. No entanto, muitos cantores (mediócras) não atinam para o significado das palavras que cantam e parece que o público ouve e não entende nada... e até gosta! Música sem mensagem explícita, sem significado apreensível, apesar da letra.

Em certa ocasião participei de uma gravação e o cantor não valorizava o texto da canção. Discuti com ele o sentido das palavras e ele incorporou na intenção do

canto e a regravação ficou bem melhor. Mas já há poetas que também não perseguem a legibilidade dos textos e menos ainda para a sua inteligibilidade. Os textos são intencionalmente herméticos, intranscendentes, incomunicáveis. Nada em contra, tudo bem, ok, se a intenção é essa... Pior é quando o autor deseja comunicar algo e o que se ouve é sem sentido... Tem de tudo, vamos ficar por aqui. Por último, antes que eu me esqueça, o que é mesmo poesia? Existem muitos tratados sobre o tema, é assunto para outra ocasião